

Abril de 2019

CENÁRIO GLOBAL

A economia internacional vem confirmando o cenário de queda generalizada do crescimento. De fato, a economia global tem mostrado sinais de desaceleração desde meados de 2018. Em um primeiro momento, esse movimento poderia ser atribuído ao aumento de tensões comerciais, com destaque para a relação entre Estados Unidos e China. Entretanto, na Europa já era possível notar uma moderação da atividade antes dos efeitos da guerra comercial sobre o comércio mundial. Questões políticas no Reino Unido, com as incertezas sobre o processo do Brexit, as dificuldades políticas na Itália e os protestos semanais na França contribuíram para essa desaceleração. Questões específicas na Alemanha, como a mudança na regulação sobre emissão de poluentes dos veículos automotores, também ajudaram a derrubar o crescimento na região. No entanto, a desaceleração continuou este ano. O desempenho da economia global está sendo limitado pelo menor crescimento do comércio internacional, pelas incertezas políticas em diversos países, pela perda de força do estímulo fiscal americano e pelo impacto defasado da retirada de estímulos monetários nos EUA, na China e na Europa. Na Europa, o BCE projeta um crescimento de apenas 1,1% em 2019, ante 1,8% em 2018, com uma taxa de inflação de apenas 1,2%. Nos EUA, o Fed reduziu sua projeção de crescimento do PIB para 2,1%, contra 2,9% em 2018. Com isso, o BCE sinalizou um adiamento do aumento de juros.

CENÁRIO DOMÉSTICO

No Brasil, o Copom deixou claro que qualquer movimento de mudança na política monetária será feito com calma e demandará uma avaliação lenta e segura do cenário, ou seja, não está no radar corte de juros no curto prazo, mesmo que os indicadores da atividade doméstica apontem ritmo “aquém do esperado”. Sem dúvida, o desempenho da atividade econômica foi muito ruim, mostrando um recuo mais expressivo da indústria de transformação. Porém, indicadores apontam recuperação do setor, ainda que sem eliminar o descompasso entre indústria e serviços que caracterizou o segundo semestre de 2018, o qual deve persistir neste primeiro trimestre. No todo, esperamos que o PIB cresça em 2019, prevemos uma alta de 2,1%. Mas, para que esse cenário se concretize, é necessário que a agenda de reformas continue avançando, com destaque para a da Previdência. As reformas, em especial a da Previdência, são necessárias não apenas para aumentar a confiança e destravar os investimentos, mas também para evitar problemas de diversas naturezas. Sem elas, por exemplo, não será possível cumprir o limite do teto dos gastos em 2020 e a solvência fiscal não será restaurada, o que deve gerar um aumento da taxa real de juros de mercado, inviabilizando a retomada do crescimento econômico.

RENTABILIDADE DOS INVESTIMENTOS

Abaixo apresentamos os indicadores de desempenho dos investimentos no mês de março. O resultado da rentabilidade dos imóveis e empréstimos do mês será apresentado no próximo Boletim.

POR PLANO	fev/19	mar/19	no ano	12 meses	24 meses
BD1	0,70%	0,90%	2,49%	9,95%	20,51%
MISTO	0,78%	0,90%	2,65%	10,05%	20,21%
PGS	0,83%	0,94%	2,74%	10,35%	20,96%
PGA	0,61%	0,69%	2,02%	8,32%	18,06%
PREVER	0,37%	0,53%	2,95%	8,57%	17,14%
CONSOLIDADO	0,71%	0,83%	2,74%	9,85%	19,88%
POR SEGMENTO					
RENDA FIXA	0,69%	0,90%	2,47%	9,41%	19,16%
RENDA VARIÁVEL	-2,38%	-0,76%	8,01%	15,91%	24,86%
IMOVEIS	3,84%	0,00%	5,17%	13,06%	45,98%
EMPRESTIMOS	0,59%	0,00%	1,92%	16,56%	37,15%
INDICADORES					
CDI	0,49%	0,47%	1,51%	6,34%	15,27%
IBOVESPA	-1,86%	-0,18%	8,56%	11,77%	46,83%
INPC	0,54%	0,77%	1,68%	4,67%	6,30%
IPCA	0,43%	0,75%	1,51%	4,58%	7,38%
POUPANÇA	0,37%	0,37%	1,12%	4,56%	11,04%
META ATUARIAL	0,97%	1,12%	2,91%	10,10%	17,72%
DÓLAR	2,37%	4,23%	0,56%	17,23%	22,98%

Fonte: Núcleo de Investimentos/FAPERS

O resultado do mês de março foi impactado pelo desempenho da renda variável que teve rendimento negativo de 0,76%. A Renda Fixa obteve um resultado positivo de 0,90%, bem superior a seu índice de referência o CDI, que foi de 0,47%. O rendimento dos planos ficou abaixo da sua meta, em consequência da inflação medida pelo INPC, que alcançou 0,75% e levou a meta para 1,12%.

No acumulado em 12 meses o resultado da Meta foi de 10,10% e 9,85% de rentabilidade. Já no acumulado de 24 meses, a Meta foi de 17,72% e a rentabilidade foi de 19,88%

Fonte: Boletim Macro - IBRE